

Educação Em Empreendedorismo Como Fator de Desenvolvimento Econômico: Uma Proposta Para o Município de Campo Grande-MS

Ronney Robson Mamede

Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP
Fundação Cândido Rondon – FCR / Fundação de Apoio ao Desenvolvimento
das Ciências Sociais Aplicadas da UFMS
Campo Grande-MS, Brasil

ABSTRACT

Recognized as one of the major forces in the economic context and directly related to the educational and cultural characteristics of a population, entrepreneurship can largely benefit from the established educational system. From a theoretical analysis of different authors as well as conceptual reflections about the theme, this paper examines entrepreneurship in relation to education, leading to conclusions concerning the potential of education as an instrument for the dissemination/strengthening of an entrepreneurial culture highly beneficial for economic development. Different initiatives implemented in many countries not only confirm this fact but also make evident the need of larger efforts in this direction in Brazil. After considering the entrepreneurial environment in the city of Campo Grande-MS, the study presents a proposal towards the use of Entrepreneurship Education as a factor of development in the municipality. Such a proposal has as its purpose to deepen the discussions about the theme and to foster such ideas. It is also motivated by the need to elaborate a development model based on the principles of sustainability preconized by the “Agenda 21 – Campo Grande Nosso Lugar”¹ Project, with which entrepreneurship can be easily harmonized.

Keywords: Entrepreneurship, entrepreneurship education, entrepreneurial culture, economic development.

TRABALHO

1. INTRODUÇÃO

Considerado um dos mais novos paradigmas das ciências administrativas (Bygrave, 1989), o empreendedorismo tem atraído grande interesse. Muito desse interesse é resultado do entendimento de que pequenas e médias empresas, sob a direção de empreendedores, contribuem significativamente para a geração de empregos e desenvolvimento econômico. Tal percepção, partilhada por economistas, políticos e uma crescente parcela da sociedade é, na verdade, a razão pela qual, muitas nações estão buscando promover a atividade empreendedora, em reconhecimento às evidências de sua contribuição para o crescimento econômico (Audretsch & Thurik, 2001; Holcombe, 1998; Reynolds *et al.*, 2000; Reynolds *et al.*, 2001; Reynolds *et al.*, 2002; Wennekers, Thurik & Buis, 1997) e seus conseqüentes efeitos no campo social. Reconhecendo este fato, já em 1993, a Organização das Nações Unidas – ONU, em assembléia geral, aprovou unanimemente uma resolução reconhecendo o empreendedorismo como uma força social e econômica da maior importância. O documento apresenta a atividade empreendedora como um elemento chave para a melhoria do padrão de vida da população ao redor do globo e encoraja os países membros a criarem programas e implementarem políticas para promoção do empreendedorismo entre seus habitantes (Slaughter, 1996).

Por outro lado, diferentes estudos desenvolvidos para analisar a relação entre empreendedorismo e crescimento econômico, indicam que este relacionamento é bastante complexo (Reynolds *et al.*, 2001) e que serão necessários muitos anos adicionais de estudo para que se entenda plenamente os mecanismos causais envolvidos (Reynolds *et al.*, 2002). No entanto, a evidência disponível é suficiente para estabelecer a importância da criação, desenvolvimento e implementação de políticas públicas que venham influenciar positivamente o nível de atividade empreendedora em uma determinada região (Mamede, 2003). Se isto é verdade em relação aos países pertencentes à Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OECD, 1998), quanto mais não o é quando se trata de economias em desenvolvimento, ainda mais afetadas pelo desemprego, baixo nível de produtividade e desigualdade social – problemas minimizados em regiões reconhecidas como altamente empreendedoras.

Embora as expressões '*crescimento econômico*' e '*desenvolvimento econômico*' tenham significados semelhantes e sejam muitas vezes utilizadas alternadamente, existem algumas distinções que deveriam ser consideradas. Enquanto crescimento econômico refere-se à capacidade de uma nação de se tornar mais rica através da maior produção de bens e serviços (Abramovitz, 1989), desenvolvimento econômico, em última análise, significa que os cidadãos desta nação desfrutarão de um mais elevado padrão de vida. Assim, o Banco Mundial (World Bank), é bastante específico ao definir desenvolvimento em termos de avanços no nível de qualidade de vida. No Relatório Mundial de Desenvolvimento de 1991, a melhoria da qualidade de vida é apresentada como sendo o principal desafio do desenvolvimento – um processo multidimensional que envolve grandes transformações na estrutura social, nas crenças e atitudes populares, e nas instituições nacionais. Além disso, envolve também a aceleração do crescimento econômico, a redução de desigualdades e a erradicação da pobreza. Na visão do Banco Mundial, o desenvolvimento deve representar uma série de mudanças através das quais todo o sistema social, em conformidade com os desejos e necessidades básicas de indivíduos e grupos sociais dentro do próprio sistema, distancia-se de condições de vida amplamente percebidas como insatisfatórias, em direção a uma situação, ou condição de vida, que possa ser considerada material e espiritualmente melhor (World Development Report, 1991, em Todaro & Smith, 2003).

Em consonância com esta ampla visão de desenvolvimento, o empreendedorismo vem se firmando como um dos mais importantes elementos de contribuição para a inclusão social e o desenvolvimento econômico, tornando-se um tema prioritário nas discussões referentes ao desenvolvimento econômico e ao futuro do nosso País.

Assim, torna-se evidente que o sistema educacional tem um importante papel a cumprir para com a causa empreendedora. A inserção de temas relacionados a negócios no programa de ensino das escolas, em diferentes níveis, tem se mostrado uma iniciativa bastante positiva para a promoção do empreendedorismo em vários países. Esforços dessa natureza começam a espalhar-se pelo Brasil, e o presente estudo, tem como objetivo discutir uma proposta voltada para a Educação em Empreendedorismo no contexto de um município que vem crescendo em importância no cenário nacional – Campo Grande-MS.

2. OBJETIVOS

O presente estudo visa considerar o tema Educação em Empreendedorismo como fator de desenvolvimento econômico e apresentar uma proposta de trabalho nesta área, a ser implementada no município de Campo Grande-MS. O objetivo inicial é contribuir para a difusão/fortalecimento de uma cultura empreendedora a partir do sistema educacional estabelecido no município. Além disso, espera-se que a médio e longo prazo, seja observada

uma elevação no nível de atividade empreendedora nessa região, que possa traduzir-se em avanços significativos em termos de desenvolvimento.

Assim, colocam-se como objetivos específicos para este estudo:

1. Considerar teoricamente o tema empreendedorismo sob o enfoque de suas contribuições para o desenvolvimento;
2. Considerar teoricamente o tema empreendedorismo e sua relação com educação e cultura;
3. Avaliar brevemente a atividade empreendedora no município de Campo Grande-MS e seu impacto sobre o contexto econômico local;
4. Apresentar uma proposta de projeto voltada à Educação em Empreendedorismo.

É importante notar que tal proposta deve coadunar-se com os objetivos propostos pelo programa “Agenda 21 – Campo Grande Nosso Lugar”, e assim, harmonizar-se com o modelo de desenvolvimento sustentável proposto pela “Agenda 21 – Global”, que vê o equilíbrio econômico, a justiça social e a conservação dos recursos naturais, como a base de conquistas sociais duradouras (PLANURB, 2003a).

3. METODOLOGIA

A definição do problema objeto deste estudo é resultado de uma abrangente revisão bibliográfica sobre o tema empreendedorismo e desenvolvimento econômico. A partir dela, fica evidente a grande contribuição que o sistema educacional estabelecido pode oferecer para o estabelecimento e o fortalecimento da cultura empreendedora, com desdobramentos significativos para o desenvolvimento em seu sentido mais amplo (Dolabela, 2003; Dolabela, 2004; Lundström & Stevenson, 2001; Lundström & Stevenson, 2002; Stevenson & Lundström, 2001). Além disso, a necessidade de se elaborar uma proposta de trabalho dentro da linha temática de Desenvolvimento Econômico que se harmonizasse com os propósitos do programa “Agenda 21” local e global, conduziu naturalmente à análise do tema empreendedorismo em relação ao contexto educacional.

O método escolhido para o desenvolvimento de qualquer pesquisa estará sempre relacionado a escolhas anteriores em termos de problema e objetivos, inicialmente, e desenho/metodologia, posteriormente. De acordo com esta perspectiva a revisão bibliográfica mostrou-se como a mais adequada abordagem num primeiro momento. Além de ter como objetivo a busca por uma melhor compreensão do processo Educação em Empreendedorismo como fator de desenvolvimento econômico, o estudo não tenciona, no estágio atual, alcançar seus propósitos por meio de uma análise empírica.

Como já indicado, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2000), no entanto, parte dele foi também desenvolvida a partir de uma pesquisa documental (Vergara, 2004) junto a diferentes instituições no município de Campo Grande-MS, a saber: Instituto Municipal de Planejamento Urbano e de Meio Ambiente – PLANURB, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul – JUCEMS, Secretaria Municipal de Educação – SEMED, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico – SEDEC e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE-MS.

Junto à Secretaria Municipal de Educação e ao SEBRAE-MS foram levantados alguns dados e informações através da utilização de entrevistas (Lima, 2004; Roesch, 1999), com o intuito de se identificar ‘se’ e ‘quais’ tipos de iniciativas voltadas à Educação em Empreendedorismo estão atualmente em aplicação em Campo Grande-MS.

Após considerações e análises de caráter teórico, em que se sugere – com base em exemplos práticos – que o fenômeno do desenvolvimento é influenciado pelo nível de

atividade empreendedora em uma certa região, é apresentada uma proposta com vistas à utilização do sistema de ensino como elemento de suporte para o empreendedorismo no município.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Empreendedorismo

O termo empreendedor é originalmente uma palavra francesa derivada da expressão *entreprendre*, que significa ‘tentar’, ‘comprometer-se a’ ou simplesmente ‘empreender’. De acordo com Casson (1987), o termo foi introduzido nas ciências econômicas por Richard Cantillon em 1755. No entanto, foi através de J. B. Say, no início do Século XIX, que a expressão tornou-se de fato conhecida, referindo-se à pessoa que movia recursos econômicos de qualquer natureza, de uma área de menor retorno, para uma área de maior produtividade e melhores resultados (Drucker, 1985). Assim, a palavra ‘empreendedorismo’ foi cunhada em inglês (*entrepreneurship*) no início do Século XX, para referir-se às ações conduzidas pelo empreendedor, tornando-se uma expressão bastante comum no meio econômico, especialmente após os anos 1980.

O conceito de empreendedorismo é bastante amplo e pode ser visto de diferentes perspectivas. Na verdade, Wenekers, Thurik & Buis (1997, p. 13) referem-se a ele como ‘mal-definido’ ou, na melhor das hipóteses, um conceito ‘multidimensional’ – percepção esta partilhada por outros pesquisadores (Davidsson, 2003; Friis, Paulsson & Karlsson, 2003; Lundström & Stevenson, 2001).

Apesar das diferentes percepções referentes ao tema, a seleção de uma ‘definição de trabalho’ para os propósitos deste estudo parece bastante adequada. O conceito proposto por Wenekers, Thurik e Buis (1997, p. 54), por ser simples e direto, ajusta-se bem a uma proposta de ensino do empreendedorismo como fator de desenvolvimento. Além disso, a definição sintetiza também os principais aspectos que historicamente estão relacionados à atividade empreendedora, a saber: risco, incerteza, inovação, percepção, processo decisório e mudança. Para eles, o empreendedorismo:

“...compreende a habilidade e o interesse de indivíduos, quer independentemente ou dentro de organizações, no sentido de:

- ***identificar e criar** novas oportunidades de negócios (novos produtos, novos meios de produção, novas estruturas organizacionais, e novas combinações de produtos/mercados);*
- ***introduzir** tais idéias no mercado, mesmo diante de incertezas, riscos e de outros obstáculos, através de decisões referentes à localização, forma e utilização de recursos diversos e instituições;*
- ***competir** com outros por uma parcela de participação no mercado.”*

Esta definição é ampla o bastante para incorporar desde empreendedores de empresas pequenas e independentes, até grandes corporações (Wenekers, Thurik & Buis, 1997). Quando se pretende utilizar o empreendedorismo como instrumento de desenvolvimento, todos eles são importantes. Desde que estejam atuando de maneira ética e em atividades lícitas, não importa ‘quem’ é o agente empreendedor, mas ‘como’ ou ‘até que ponto’ suas ações resultam em benefícios sociais.

4.2 Empreendedorismo e Cultura

Além dos aspectos econômicos, geográficos e sociais, a cultura é considerada um elemento de grande influência na atividade empreendedora. Por definição, empreendedores são indivíduos e não organizações. Logo, é natural que sejam influenciados por aspectos culturais relacionados à sua formação ou pelo contexto em que vivem (Lundström & Stevenson, 2001). Assim sendo, regiões em que existe uma percepção mais favorável em relação a fatores como risco, competição e individualismo (como nos EUA e alguns países da Europa Ocidental), são observados níveis mais elevados de empreendedorismo do que em países onde estas características não são tão acentuadas como, por exemplo, no Japão.

Barreiras culturais podem também se evidenciar no nível de interesse das pessoas quanto à criação e manutenção de um novo negócio. Embora o Brasil seja reconhecido como um dos países mais empreendedores do mundo na atualidade (Acs *et al.*, 2005; Reynolds *et al.*, 2000; Reynolds *et al.*, 2001; Reynolds *et al.*, 2002; Reynolds *et al.*, 2003), também é verdade que a maior motivação para se iniciar um novo negócio no país, advém da necessidade e não da identificação de uma oportunidade ou como resultado de características essencialmente culturais.

Culturalmente, o brasileiro está ainda bastante arraigado ao conceito de emprego e salário. O sistema de ensino no país vem tradicionalmente preparando o estudante para ser empregado. Em recente matéria publicada pela Revista Veja, foi feita uma comparação entre as mudanças experimentadas por profissionais diplomados em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1955, em relação aos formados em 1995. A reportagem menciona que da turma de 1955, 26% dos alunos abriram o próprio negócio. Dos formados em 1995, 29% – um crescimento de apenas 3% em 40 anos (Costa, 2003). Torna-se evidente o quão pouco avançamos neste sentido.

Comentando este tema, Dolabela (1999a) menciona que à semelhança do que acontece em outros países, o emprego não tem mais sido visto pelo jovem brasileiro como um projeto de vida. Infelizmente, a realidade é que este mesmo jovem não está ainda preparado para se inserir profissionalmente no mercado de forma autônoma e empreendedora. Tal situação é resultado tanto do sistema educacional brasileiro, como de valores da nossa sociedade, que ainda impregnam nossos jovens com a “síndrome do empregado”, mesmo percebendo que este elemento, o emprego, está desaparecendo no contexto de um mundo globalizado.

A menos que haja um esforço consciente e planejado no sentido de se reverter essa tendência, nossos jovens, daqui a 40 anos, continuarão despreparados e reticentes quanto à possibilidade de se lançarem de maneira autônoma e independente à busca dos próprios sonhos.

4.3 Educação em Empreendedorismo

No passado, acreditava-se que o empreendedorismo não podia ser ensinado. Empreendedores eram indivíduos que possuíam um dom inato, tendo nascido com características especiais que favoreciam o sucesso no mundo dos negócios. Contudo, os resultados de diferentes estudos desenvolvidos ao longo das duas últimas décadas, indicam em outra direção: embora características pessoais possam facilitar a atuação individual à frente de um novo negócio, o processo empreendedor pode, sim, ser ensinado e aprendido (Dolabela, 1999b; Dornelas, 2001). O sucesso dependerá de vários fatores internos e externos ao negócio, das características pessoais do empreendedor, bem como de sua postura frente aos desafios do cotidiano.

Além disso, sabe-se também que a cultura empreendedora pode ser desenvolvida a partir de ações e políticas específicas para este fim. Saini (2001), menciona que uma das

questões básicas do desenvolvimento econômico refere-se à promoção do espírito empreendedor na sociedade. Países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento não podem subsistir sem uma considerável população de empreendedores, dispostos a correr riscos, implantar novos negócios, adotar novas tecnologias e competir, gerando empregos e crescimento em suas comunidades. Neste contexto, é interessante notar que o mais forte instrumento para o desenvolvimento da cultura empreendedora na sociedade ainda é a *educação*, e quanto mais cedo se começar a inculcar nos jovens, os valores e o pensamento empreendedor, tanto mais efetivos serão os resultados. Como sustenta Dolabela (2003, p. 15), *“a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora.”*

Como já indicado, a inserção de temas relacionados à atividade empreendedora no programa de ensino das escolas tem se mostrado uma iniciativa bastante adequada para a promoção do empreendedorismo. Há uma percepção de que muito pode ser feito nos anos iniciais de educação formal, no sentido de inculcar e desenvolver valores empreendedores nas crianças e adolescentes. Segundo Lundström & Stevenson (2002), programas desta natureza atendem a pelo menos duas necessidades: a) o fortalecimento da cultura empreendedora; e b) a preparação dos jovens para as transformações no mercado de trabalho – mudanças estas que, inevitavelmente, farão com que algum aspecto do empreendedorismo seja incluído à futura experiência profissional deles.

Os primeiros esforços para a introdução da Educação em Empreendedorismo no sistema escolar americano e britânico datam do fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 (Lundström & Stevenson, 2002). Desde a década de 1990, programas nacionais vêm sendo conduzidos pelo governo destes países e várias outras nações têm também seguido este caminho, através da implantação de programas semelhantes no ensino fundamental e médio.

Na Dinamarca, o Ministério da Educação lançou um programa com a intenção de oferecer a 30–40% dos jovens estudantes, treinamento em relação ao empreendedorismo desde o nível fundamental até o universitário. Até 2001, mais de 200 projetos já haviam sido desenvolvidos ou estavam em andamento. Os resultados indicam que após o programa, os estudantes se mostram mais interessados em se prepararem para terem um negócio próprio ou mesmo em trabalhar em uma pequena empresa. Em Luxemburgo, alunos do nível fundamental participam de encontros com diretores de empresas. Além disso, programas como “Um Dia na Empresa” são oferecidos por diversas organizações e vídeos/desenhos animados são preparados para encorajar jovens a optarem, ainda bem cedo, por uma carreira empreendedora (Lundström & Stevenson, 2002).

Além das razões previamente consideradas, Dolabela (1999a; 1999b) relaciona outros motivos que por si só justificariam a disseminação da cultura empreendedora através do sistema de ensino estabelecido. Dentre eles:

- a) Fortalecer valores relacionados à ética e cidadania, fatores estes intrinsecamente ligados ao empreendedorismo;
- b) Aumentar a percepção quanto à importância da PME (Pequena e Média Empresa) para o desenvolvimento econômico;
- c) Reduzir a possibilidade de fracasso entre as empresas nascentes;
- d) Preparar os jovens para atuarem como intraempreendedores (ou empreendedores dentro das organizações);
- e) Aproximar as instituições de ensino, sistemas de suporte e empresas, ainda muito distantes entre si, no contexto brasileiro;
- f) Estimular a auto-realização.

À semelhança do que vem ocorrendo em outros países, no Brasil já despontam iniciativas no sentido de levar o empreendedorismo para a sala de aula, e ainda mais, a sala de aula para a casa do aluno. O projeto “Aprender a Empreender”, resultado de uma parceria

entre a Fundação Roberto Marinho, Programa Brasil Empreendedor e SEBRAE Nacional, tem levado o ensino do empreendedorismo de maneira dinâmica e criativa a milhares de pessoas, através de um curso composto de 10 programas de TV e um livro texto com os 10 capítulos correspondentes. Além de contribuir para o desenvolvimento da cultura empreendedora, a iniciativa auxilia empreendedores, ou empreendedores em potencial, em relação a aspectos como planejamento, organização, direção e controle dos empreendimentos nascentes (FRM, PBE & SEBRAE Nacional, 2000). Semelhantemente, o projeto “Oficina do Empreendedor”, criado pelo Prof. Fernando Dolabela, vem sendo aplicado com sucesso em centenas de escolas de segundo grau e universidades (Dolabela, 1999a). Recentemente, Dolabela e sua equipe, em parceria com a ONG Visão Mundial (World Vision), desenvolveram uma nova metodologia para o ensino do empreendedorismo direcionada a crianças e adolescentes da educação básica. O método, inicialmente testado em 7 cidades brasileiras, envolvendo cerca de 90.000 alunos, de 255 escolas e 3.700 professores, deu origem ao livro Pedagogia Empreendedora, lançado em Agosto de 2003, na cidade de Belo Horizonte (Dolabela, 2003).

5. ATIVIDADE EMPREENDEDORA NO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE

Analisando a atividade empreendedora no município de Campo Grande-MS em anos recentes, pode-se claramente perceber sua importância no contexto do desenvolvimento local, bem como justificar a inserção deste tema em um programa do porte do processo de planejamento participativo “AGENDA 21 – Campo Grande Nosso Lugar”.

Embora a mensuração da atividade empreendedora seja bastante complexa, existem diferentes mecanismos que são amplamente utilizados para este fim, permitindo a obtenção de resultados bastante satisfatórios. Duas dessas medidas da atividade empreendedora referem-se a: a) constituição de novas empresas;² b) organizações *per capita*.³

No que tange à constituição de novas empresas em Campo Grande, segundo números da Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul, houve um aumento líquido de 9.226 empresas no município entre 1999 e 2002. Tal aumento representa um crescimento de cerca de 36% no número total de empresas durante o período. Se for considerado o número de organizações *per capita*, observa-se que o número de empresas tem crescido em um ritmo maior que a população, o que é bastante positivo. Enquanto em 1999 havia no município cerca de 43 empresas por grupo de 1.000 habitantes, no final de 2002 este número totalizava mais de 50 empresas, quase o dobro da média nacional.⁴

O impacto resultante do incremento da atividade empreendedora no município, pode ser facilmente observado a partir de uma breve análise dos números referentes à arrecadação municipal. De acordo com os números divulgados pela Secretaria Municipal de Planejamento e Finanças (PLANURB, 2003b), a receita total do município no período de 1999 a 2002 cresceu aproximadamente 136%, quando atingiu cerca de R\$ 523,5 milhões. A arrecadação do ISS (Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza) e as transferências provenientes do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) tiveram um aumento de 59,3% e 120,5% respectivamente, enquanto o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) cresceu apenas 20,6%.

Por mais que estes resultados possam, em parte, ser eventualmente atribuídos a uma maior eficiência da máquina arrecadadora, é inquestionável o fato de que a maior parte deste crescimento é resultado direto da atividade empreendedora e empresarial.

No que tange à geração de empregos, os números são também bastante interessantes. De acordo com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, apenas através do PRODES – Programa de Incentivos Para o Desenvolvimento Econômico e Social de Campo Grande, criado em Outubro de 1999, foram beneficiadas, até Setembro/2003, 103 empresas que terão gerado, após completa implantação, cerca de 13.000 novos postos de trabalho no

município. Uma vez que a criação de postos de trabalho é amplamente aceita como um dos principais resultados da atividade empreendedora em uma determinada região, e também como uma das principais medidas de crescimento econômico, fica evidente a importância da atividade empresarial – um desdobramento da própria atividade empreendedora – para o crescimento e desenvolvimento experimentados pelo município nos últimos anos.

A fim de que resultados desta natureza possam continuar sendo observados e ampliados em Campo Grande-MS, é importante que se busque intervir nesse contexto de maneira sistemática e planejada. Projetos voltados à Educação em Empreendedorismo harmonizam-se perfeitamente com tal proposta. Além disso, diferentes estudos conduzidos no Brasil e no exterior, sugerem que nenhuma outra estrutura possa dar contribuição mais significativa para a causa do empreendedorismo do que o sistema educacional estabelecido (Dolabela, 2004; Lundström & Stevenson, 2002).

6. PROJETO “MORENA EMPREENDEDORA”⁵

Embora iniciativas voltadas para a Educação em Empreendedorismo estejam florescendo em várias regiões do país, segundo informações obtidas junto ao SEBRAE-MS e Secretaria Municipal de Educação, não existem, até o momento, projetos desta natureza formalmente implementados no município de Campo Grande-MS.

À semelhança do que têm ocorrido em outras localidades, tal projeto pode contribuir diretamente para o desenvolvimento da cultura empreendedora local e para o aumento da capacidade empreendedora da população, ingredientes estes, essenciais para o desenvolvimento sustentável de qualquer região.

Através da mobilização de entidades reconhecidamente interessadas pelo tema do empreendedorismo, como SEBRAE-MS, FIEMS, SESC, Associação Comercial, universidades, etc., a Prefeitura Municipal de Campo Grande-MS, através das Secretarias Municipais de Educação, Desenvolvimento Econômico e Planejamento, pode desenvolver uma metodologia própria, ou adotar alguma das metodologias já utilizadas e testadas em outras partes do país, ajustando-as à realidade local – o que parece mais adequado.

O projeto, que bem poderia ser “batizado” de “Morena Empreendedora”, poderia inicialmente, ser implementado de maneira gradativa na rede municipal de ensino, onde mais de 67.000 alunos estão matriculados no ensino fundamental, supletivo e educação de jovens e adultos. Posteriormente, através de negociações, pode-se buscar a ampliação do programa estendendo-o para as redes estadual e particular de ensino. Tal conquista elevaria para mais de 180.000 o número de alunos alcançados pelo projeto no município.

A tabela a seguir sintetiza as principais ações de caráter geral do projeto, bem como sugere os atores potenciais envolvidos e o cronograma preliminar:

Quadro 01 – Projeto Morena Empreendedora – Ações, atores potenciais e cronograma preliminar

Ações	Atores Potenciais	Cronograma
Sensibilização do poder público e da sociedade quanto ao potencial da Educação em Empreendedorismo como fator de desenvolvimento econômico	SEMED, SEDEC, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	1º mês
Formação de equipe multidisciplinar para discussão e refinamento da proposta de projeto	SEMED, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	1º mês

Ações	Atores Potenciais	Cronograma
Formulação de diretrizes para o Projeto Piloto	Equipe multidisciplinar	2º mês
Capacitação dos professores da rede pública municipal, envolvidos no Projeto Piloto	SEMED, SEBRAE-MS, Consultorias	3º mês
Implementação do Projeto Piloto	SEMED, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	4º ao 12º mês
Avaliação dos resultados do Projeto Piloto	SEMED, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	Contínua (maior ênfase no 7º e 12º mês)
Formulação/ajustes das diretrizes para ampliação do programa para todas as escolas da rede pública municipal	Equipe multidisciplinar	13º mês
Capacitação de multiplicadores para as escolas da rede pública municipal	SEMED, SEBRAE-MS, Consultorias	14º mês
Capacitação dos professores das escolas da rede pública municipal	Multiplicadores, SEMED, SEBRAE-MS, Consultorias	15º mês
Implementação do Projeto Morena Empreendedora	SEMED, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	16º ao 24º mês
Avaliação e aperfeiçoamento contínuos	SEMED, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	----
Sensibilização de outros parceiros para ampliação do Projeto Morena Empreendedora ‘além fronteiras’ da rede municipal de ensino	SEMED, SEBRAE-MS, Universidades, Escolas Municipais, Consultorias	----

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além do objetivo principal voltado para a educação formal, o projeto pode vir a ser ampliado, através de diferentes parcerias, para que a parcela da população que não é alcançada pelo sistema de educação estabelecido possa receber os benefícios do programa. Para expandir-se, o projeto “Morena Empreendedora” pode utilizar instituições estabelecidas e reconhecidas (ex. entidades de classe, sindicatos, associações de moradores, clubes, igrejas e mesmo órgãos públicos) como instrumentos para a difusão/fortalecimento da cultura empreendedora em Campo Grande-MS.

7. CONCLUSÃO

A partir da análise bibliográfica, o estudo sugere que o empreendedorismo cumpre um importante papel em relação ao desenvolvimento de uma determinada região. A experiência de países como República da Coreia, Taiwan, Singapura, Japão, Indonésia, Malásia, Tailândia e Hong Kong no período de 1965-1990 é uma clara evidência deste fato (Wennekers, Thurik & Buis, 1997). Além de apresentarem uma taxa média de crescimento anual do Produto

Nacional Bruto real (*per capita*) da ordem de 5,5% (o equivalente a mais que duas vezes a média de crescimento apresentada por países da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE, no mesmo período), estas economias conseguiram diminuir a desigualdade de distribuição de renda e ainda estão colhendo os frutos de tais conquistas. Embora análises macroeconômicas mostrem que tal desempenho seja resultado de acumulação superior de capital físico e humano, melhor alocação de recursos e aquisição e desenvolvimento tecnológico apoiado por políticas públicas de promoção da estabilidade macroeconômica, é inevitável a conclusão de que muitos destes efeitos são na verdade manifestações da atividade empreendedora (Wennekers, Thurik & Buis, 1997; Yu, 1997), e que o empreendedorismo tem tido uma considerável parcela de contribuição no desempenho econômico e nas conquistas sociais destes países (Mamede, 2004).

Além disso, sendo uma característica de indivíduos, é compreensível que o empreendedorismo esteja proximamente relacionado à cultura e educação. Por conseguinte, pode-se facilmente observar o potencial para o desenvolvimento/fortalecimento de uma cultura empreendedora a partir da utilização do sistema educacional estabelecido.

Embora diferentes iniciativas nesse sentido já estejam sendo conduzidas em vários países, no Brasil tais esforços estão apenas começando. Apesar das evidentes dificuldades envolvidas na implementação de um projeto de tal natureza e envergadura, existem razões que justificam o esforço nesta direção. As mais relevantes, se referem à preparação da geração atual para as transformações no mercado de trabalho e na estrutura industrial, que continuarão limitando as possibilidades existentes dentro do modelo “emprego-salário”. Além disto, sabe-se que iniciativas voltadas à Educação em Empreendedorismo têm o potencial de contribuir para o aumento da atividade inovadora e do crescimento econômico, ambos bastante desejáveis em qualquer contexto.

Embora inúmeras propostas possam ser desenvolvidas com vistas ao desenvolvimento sustentável do município, o conceito e a prática do empreendedorismo, como propostos pelo Projeto Morena Empreendedora, coadunam-se perfeitamente com os objetivos da linha temática de desenvolvimento econômico, apresentada pelo programa “Agenda 21 – Campo Grande Nosso Lugar”.

Ao se preparar pessoas para atuarem de forma empreendedora na sociedade, através de novos negócios ou em organizações já existentes, lançam-se as bases para um desenvolvimento consciente, responsável e sustentável. Ao se fazer isto, aqui, nesta capital, contribui-se ainda mais para que Campo Grande, o NOSSO LUGAR, torne-se ainda... UM MELHOR LUGAR!

¹ “Projeto Agenda 21 – Campo Grande Nosso Lugar” could be freely translated as “Agenda 21 Project – Campo Grande Our Place”. Additional information is provided within the article.

² Normalmente aceita-se como mais adequado considerar a constituição líquida de empresas, que é obtida a partir do número total de empresas constituídas, menos o número total de empresas extintas.

³ Obtido a partir da relação entre o número de empresas existentes em uma determinada região e a sua população. O valor para cada ano refere-se ao número de empresas para cada 1.000 habitantes (Gartner & Shane, 1995).

⁴ Com base em informações levantadas junto ao IBGE (www.ibge.gov.br), Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul e Instituto Municipal de Planejamento Urbano e de Meio Ambiente de Campo Grande-MS (PLANURB, 2003b).

⁵ A cidade de Campo Grande-MS é conhecida como “Cidade Morena”.

CONTATO: Ronney R. Mamede, R. Roney P. Malheiros, 145, C. 35, Campo Grande – MS, Brasil, CEP 79.092-220. TELEFAX: +55 (0)67 380-3148. E-mail: rrmamede@uol.com.br

8. BIBLIOGRAFIA

- Abramovitz, M. (1989) "Thinking About Growth and Other Essays on Economic Growth and Welfare" (part 1, sections 4-7). In *Systems of Innovation: Growth, Competitiveness and Employment*, eds. Edquist, C., & M. McKelvey (2000). Vol.2. Cheltenham: Edward Elgar.
- Acs, Z. J., P. Arenius, M. Hay, & M. Minniti. (2005) *Global Entrepreneurship Monitor: 2004 Executive Report*. Babson College and London Business School.
- Audretsch, D. B., & R. Thurik. (2001) *Linking Entrepreneurship to Growth*. Science Technology and Industry Working Papers 2001/2. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development.
- Bygrave, W. D. (1989) "The Entrepreneurship Paradigm (I): A Philosophical Look at Its Research Methodologies". *Entrepreneurship Theory and Practice*, 14, No. 1, 7-26.
- Casson, M. (1987) "Entrepreneur". In *The New Palgrave: A Dictionary of Economics*, eds. J. Eatwell, M. Milgate, & P. Newman. London: The Macmillan Press Limited.
- Costa, D. (2003) "O Brasil em 40 Anos". *Revista Veja*, Edição 1805, 80-81. São Paulo: Editora Abril.
- Davidsson, P. (2003) "The Domain of Entrepreneurship Research: Some suggestions". In *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*, eds. J. Katz & D. Shepherd, Vol. 6, 315-372. Oxford, UK: Elsevier/JAI Press.
- Dolabela, F. (2004) "Ensino de Empreendedorismo na Educação Básica Como Instrumento do Desenvolvimento Local Sustentável." Anais III Conferência Internacional de Pesquisa em Empreendedorismo na América Latina – III CIPEAL. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Dolabela, F. (2003) *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora de Cultura.
- Dolabela, F. (1999a) *Oficina do Empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados.
- Dolabela, F. (1999b) *O Segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura Editores Associados.
- Dornelas, J. C. A. (2001) *Empreendedorismo: Transformando Idéias em Negócios*. Rio de Janeiro: Campus.
- Drucker, P. (1985) *Innovation and Entrepreneurship*. New York: Harper & Row.
- Friis, C., T. Paulsson, & C. Karlsson. (2003) "Relating Entrepreneurship to Economic Growth" (Forthcoming). Jönköping: The Institute for Industrial Analysis – INA and Jönköping International Business School – JIBS.
- FRM, PBE & SEBRAE Nacional. (2000) *Aprender a Empreender*. Fundação Roberto Marinho, Programa Brasil Empreendedor e SEBRAE Nacional. Sala Produções.
- Gartner, W. B. & S. A. Shane. (1995) "Measuring Entrepreneurship over Time". *Journal of Business Venturing*, 10, 283-301.
- Gil, A. C. (2000) *Técnicas de Pesquisa em Economia e Elaboração de Monografias*. São Paulo: Atlas.
- Holcombe, R. G. (1998) "Entrepreneurship and Economic Growth". *The Quarterly Journal of Austrian Economics I*. No. 2, 45-62.
- Lima, M. C. (2004) *Monografia: A Engenharia da Produção Acadêmica*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Lundström, A., & L. Stevenson. (2002) *On the Road to Entrepreneurship Policy*. Stockholm: Swedish Foundation for Small Business Research.
- Lundström, A., & L. Stevenson. (2001) *Entrepreneurship Policy for the Future*. Stockholm: Swedish Foundation for Small Business Research.
- Mamede, R. R. (2004) *Entrepreneurship and Economic Development: How Can Entrepreneurial Activity Contribute to Wealth Distribution*. Anais III Conferência

- Internacional de Pesquisa em Empreendedorismo na América Latina – III CIPEAL. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Mamede, R. R. (2003) *Entrepreneurial Activity and Economic Development: How Can Entrepreneurship Contribute to Wealth Distribution*. Unpublished Master Thesis in Business Administration. Jönköping: Jönköping International Business School.
- OECD. (1998) *Fostering Entrepreneurship*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development.
- PLANURB. (2003a) *Edital de Licitação N.º 001/2003 – Modalidade Concurso*. Campo Grande: Instituto Municipal de Planejamento Urbano e de Meio Ambiente – PLANURB.
- PLANURB. (2003b) *Perfil Socioeconômico de Campo Grande*. 10ª Ed. Rev. Campo Grande: Instituto Municipal de Planejamento Urbano e de Meio Ambiente – PLANURB.
- Reynolds, P. D., W. D. Bygrave, E. Autio, *et al.*, (2003). *Global Entrepreneurship Monitor: Executive Report*. Babson College, London Business School and Kauffman Center.
- Reynolds, P. D., W. D. Bygrave, E. Autio, L. W. Cox, & M. Hay. (2002) *Global Entrepreneurship Monitor: 2002 Executive Report*. Kansas City: Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership.
- Reynolds, P. D., M. Hay, W. D. Bygrave, S. M. Camp, & E. Autio. (2001) *Global Entrepreneurship Monitor: 2001 Executive Report*. Kansas City: Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership.
- Reynolds, P. D., M. Hay, W. D. Bygrave, S. M. Camp, & E. Autio. (2000) *Global Entrepreneurship Monitor: 2000 Executive Report*. Kansas City: Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership.
- Roesch, S. M. A. (1999) *Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração*. 2 ed. São Paulo: Atlas.
- Saini, J. S. (2001) “Economic Development and Entrepreneurship”. In *Entrepreneurship & Education: Challenges and Strategies*, eds. J. S. Saini, & B. R. Gurjar. Jaipur: Rawat Publications.
- Slaughter, M. P. (1996) “Entrepreneurship: Economic Impact and Public Policy Implications, an Overview of the Field”. Report prepared for the Library of Congress Congressional Research Service. Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership. Download realizado em: 2003-03-02, <http://www.dotcomventuresatl.com/Downloads/Entrepreneurship&PublicPolicy.pdf>
- Stevenson, L., & A. Lundström. (2001) *Patterns and Trends in Entrepreneurship/SME Policy and Practice in Ten Economies*. Stockholm: Swedish Foundation for Small Business Research.
- Todaro, M. P., & S. C. Smith. (2003) *Economic Development* (8th ed.). Harlow: Pearson Educated Limited.
- Vergara, S. C. (2004) *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Wennekers, S., R. Thurik, & F. Buis. (1997) *Entrepreneurship, Economic Growth and What Links Them Together*. Zoetermeer: EIM Small Business Research and Consultancy.
- Yu, T. F. (1997) *Entrepreneurship and Economic Development in Hong Kong*. London: Routledge.